

OS SIGNIFICADOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO PARA O PROFESSOR ALFABETIZADOR:

Relação de conflito na prática pedagógica

Francisco Renato Lima (UFPI / FSA) - fcorenatolima@hotmail.com

RESUMO:

Os debates sobre a formação docente para a educação básica ganham diferentes contornos na atualidade. Pensar em modelos que atendam as expectativas de alfabetizar e letrar é atender a uma proposta de inclusão social, pois rompem barreiras de um sistema de alfabetização mecânico e tradicional. Na prática, muitos obstáculos precisam ser superados. Um dos principais, é o que origina o questionamento deste estudo: Qual é a relação de conflito entre a teoria das concepções de alfabetização e letramento aprendidas pelo professor alfabetizador e a prática pedagógica desenvolvida por ele em sala de aula? Frente a tal realidade, é urgente pensar em propostas de ensino que levem o educando a interagir com o mundo da leitura e da escrita, compreendendo as funções da língua, a partir de situações reais do mundo letrado, de maneira que não só aprenda as regras e conceitos do código linguístico, mas que se aproprie dele de maneira ativa, construindo e reconstruindo a partir do objeto lido.

Palavras chave: Alfabetização; Letramento; Professor; Prática Pedagógica.

THE LITERACY TEACHER AND THE MEANINGS OF ALPHABETIZATION AND LITERACY: CONFLICT RELATIONS IN EDUCATIONAL PRACTICE

ABSTRACT:

Discussions on teacher training for basic education earn different contours today. Think of models that meet the expectations of literacy and letrar is to attend a proposal for social inclusion because they break barriers of a traditional and mechanical literacy system. In practice, many obstacles need to be overcome. One of the main is what gives rise to the question of this study: What is the conflict of relationship between the theory of alphabetization and literacy concepts learned by the literacy teacher and the pedagogical practice developed by him in the classroom? Facing this reality, it is urgent to think about teaching proposals that make students interact with the reading and writing world, comprising the functions of language, from actual situations of the literate world, so that not only learn the rules and concepts of the language code, but to appropriate it in an active way, building and rebuilding from the object read.

Key words: Alphabetization; Literacy; Teacher; Pedagogical Practice.

DOI: 10.28998/2175-6600.2015v7n13p89

1. INTRODUÇÃO

“[...] não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada, para construí-la, porém, como caso particular do possível, [...]”.

(Bourdieu – *A Reprodução*)

O momento atual requer a urgência em se pensar uma formação que contemple as competências e habilidades de um indivíduo alfabetizado e letrado, para que, assim, o ensino cumpra a função de formação social e cultural, na medida em que possibilite aos educandos a construção de novos sentidos e significados a sua aprendizagem, através de processos de leitura e escrita críticos.

Os processos de alfabetização e letramento estabelecem estreita relação de sentido, e, cabe ao educador, através de sua ação cotidiana em sala de aula, mediar intencionalmente situações que levem o educando a adquirir estes estados de compreensão linguística no processo de ensino e aprendizagem. O desafio do educador dos anos iniciais consiste, pois, em conciliar estes dois processos, de maneira ajustada, assegurando aos educandos a apropriação do sistema alfabético e as condições de uso social através de práticas de leitura e escrita. Por isso, é fundamental seu entendimento sobre esta relação, pois a prática pedagógica não pode basear-se numa escolha entre alfabetizar e letrar, mas numa proposta de integração de condições de culturas e de aprendizado.

Frente a tal realidade, é que estudo objetiva analisar a relação de conflito entre as concepções docentes sobre o processo de alfabetização e letramento, fazendo recomendações para a superação dos conflitos teóricos e práticos e a otimização do processo de ensino e aprendizagem. Toma-se como questionamento investigativo, a seguinte pergunta: Qual é a relação de conflito entre a teoria das concepções de alfabetização e letramento aprendidas pelo professor alfabetizador e a prática pedagógica desenvolvida por ele em sala de aula?

Este estudo bibliográfico, de caráter qualitativo elucida tal objetivo e questionamento, embasado em fontes teóricas de autores, como: Bortoni-Ricardo

Debates em Educação

(2010), Castanheira (2009), Ferreiro (1996), Freire (1997), Kleiman (1995), Peixoto (2012), Rojo (1998), Soares (1998/2000/2003), entre outros, que se reportam direta ou indiretamente a temática.

As ideias propostas neste estudo apresentam uma visão da realidade educacional, e vêm a contribuir para a otimização dos processos de alfabetização e letramento, compreendendo a importância do saber docente acerca destes, como forma de melhoria no processo de ensino e aprendizagem e na construção de uma educação de qualidade, que amplie o nível cultural do meio social no qual está inserido.

2. ALFABETIZAR LETRANDO: O PAPEL DO EDUCADOR NO LETRAMENTO

Alfabetização e letramento são tecnologias que caminham juntas, ou melhor, se processam juntas, sendo que o letramento antecede a alfabetização, pois desde que o indivíduo nasce, nas interações sociais que desenvolve com o meio e com seus semelhantes já se torna letrado, condição que será desenvolvida com a interferência da escola, principalmente representada pela ação do educador. “Ciente da complexidade do ato de alfabetizar e letrar, o professor é desafiado a assumir uma postura política que envolve o conhecimento e o domínio do que vai ensinar” (CASTANHEIRA, 2009, p. 18).

Neste processo, no qual se espera que a criança adquira simultaneamente estes dois fenômenos tão importantes, é fundamental a ação do educador, como principal agente de transformação, pois suas práticas possibilitam ao educando, a assimilação, interação e deleite com as possibilidades diversas de leitura e escrita. “É importante que o professor, [...] conceba a alfabetização e o letramento como fenômenos complexos e perceba que são múltiplas as possibilidades de uso da leitura e da escrita na sociedade” (CASTANHEIRA, 2009, p.15)

O educador alfabetizador deve agir em acordo com esta dinâmica de aprendizagem, compreendendo a relevância das suas ações, e da escola como um todo no processo de letramento, através da motivação dos educandos, transformar a sala

Debates em Educação

de aula em um ambiente social de interação, não apenas enfatizando os aspectos do desenvolvimento cognitivo, mas enxergar o indivíduo como um todo complexo, predisposto à aprendizagem, necessitando apenas de um suporte.

A parceria alfabetizar letrando precisa ser estreitada ou construída diariamente nas práticas pedagógicas do educador, com o objetivo de promover um diálogo entre o mundo abstrato da leitura e o mundo real do indivíduo em processo de aprendizagem. Letrar vai além do alfabetizar, e exige do educando a capacidade de encontrar sentido naquilo que lê e escreve. Soares (2000) destaca de que forma é possível promover um ensino, que alie as especificidades destes dois processos, o alfabetizar e o letrar:

Se alfabetizar significa orientar a criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e de escrita. Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever; uma criança letrada (tomando este adjetivo no campo semântico de letramento e de letrar, e não com o sentido que tem tradicionalmente na língua, este dicionarizado) é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer de leitura e de escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias. [...] Alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita: substituindo as tradicionais e artificiais cartilhas por livros, por revistas, por jornais, enfim, pelo material de leitura que circula na escola e na sociedade, e criando situações que tornem necessárias e significativas práticas de produção de textos. (Jornal do Brasil – 26/11/2000)

Uma prática pedagógica eficiente leva em consideração a relação de proximidade entre estes dois processos, que ora apresentam-se tão distantes, ora tão próximos, similares; mas o fundamental é que o educador tenha o entendimento sobre estas relações e possa desenvolver uma prática articulada com as funções, manifestações e funcionamento da língua em práticas sociais comunicativas.

A função do educador é de mediador e estimulador de condições que levem a aprendizagem, direcionando o educando ao senso crítico, tornando-o um ser investigativo e questionador, frente à realidade que se insere. Ele é o responsável por orientá-lo às funções sociais da leitura e da escrita, e para isso deve lançar mão de recursos variados, como diferentes gêneros textuais e recursos didático-pedagógicos que aproximem educando e conhecimento.

Debates em Educação

Para tanto, o educador deve estar em constante processo de autoavaliação e reflexão sobre as próprias ações, mantendo-se aberto as novas possibilidades e ideias ofertadas pelo mundo da mídia, da comunicação e da tecnologia, fazendo destas, suas aliadas, e que ele descubra caminhos que melhorem a qualidade do ensino, ou seja, na prática, o educador deve ter conhecimento e clareza daquilo que transmite aos seus alunos, conforme relata Soares (2000), em uma visão ampla da questão:

Entendendo a função do professor, de qualquer nível de escolaridade, da Educação Infantil à educação pós-graduada, como uma função de letramento dos alunos em sua área específica, o professor precisa, em primeiro lugar, ser ele mesmo letrado na sua área de conhecimento: precisa dominar a produção escrita de sua área, as ferramentas de busca de informação em sua área, e ser um bom leitor e um bom produtor de textos na sua área. (Jornal do Brasil – 26/11/2000)

Em uma sala de aula de alfabetização, o educador deve considerar os diferentes processos de letramento que constituem a vida do educando, buscando desenvolver um trabalho que acolha e desenvolva esses diferentes níveis de saberes, através de estratégias metodológicas que possibilitem ao sujeito aprendiz a alfabetizar-se de maneira clara, lúdica e prazerosa, logrando êxito na leitura e escrita, e alcançando a independência intelectual.

[...] independentemente das didáticas e metodologias utilizadas ou defendidas por professores, pesquisadores ou autores de livros de alfabetização, o que não podemos relegar a um segundo plano é que a alfabetização, na perspectiva do letramento, não é um mito, é uma realidade (CASTANHEIRA, 2009, p. 31)

As experiências trazidas pelo educador lhe conferem uma responsabilidade de fazer com que os educandos se apropriem do conhecimento, articulando os fatores afetivos, sociais e cognitivos aos conteúdos que pretende ensinar. A aula deve ser um momento de integração de saberes e produção de novos conhecimentos, respeitando a individualidade e as potencialidades de cada educando e desafiando-os a conquistarem um mundo de saberes.

A construção do conhecimento não é transmissão ou reprodução de informações, mas a problematização destas, de maneira questionadora, inquieta,

Debates em Educação

inconformada com respostas prontas, levantando hipóteses, reformulando ideias, numa proposta de criar e solucionar problemas aparentemente resolvidos, mas que sempre pedem uma nova interpretação e novos posicionamentos.

Uma ação docente só tem sentido quando consegue resgatar os conhecimentos prévios dos educandos, enxergar as condições e o meio que o levaram até aquele ponto, respeitando o estilo próprio de cada um, percebendo-os como seres únicos, afastando-se de uma visão reducionista de transmissão do conhecimento. Para Ferreiro (1996, p. 40-41),

Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende: a reduzimos a um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega um instrumento para marcar e um aparelho fonador que emite sons. Atrás disso há um sujeito cognoscente, alguém que pensa que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu.

Ao propor esta reflexão, entende-se que a atividade de conduzir sujeitos rumo à aprendizagem requer organizar situações e contextos que sejam interessantes, agradáveis e significativos para aqueles que estão em fase de aprendizagem. Essas atitudes promoverão o crescimento e equilíbrio cognitivo e intelectual do educando, fazendo com que ele amplie suas relações com o mundo que o cerca, suas habilidades comunicativas, os sentidos, as percepções e as trocas de experiências.

3. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO PONTOS DE (DES)ENTENDIMENTOS E DESAFIOS DE SIGNIFICAÇÃO NA PRÁTICA DOCENTE ALFABETIZADORA

A alfabetização é um processo no qual a criança tem acesso aos códigos linguísticos e as habilidades para ler e escrever; e o letramento apresenta-se como conjunto de habilidades práticas nas quais o indivíduo, além de ler e escrever, deve ter a capacidade de dar sentido, construir e reconstruir seu aprendizado, ou seja, é ler interpretando com clareza as ideias do objeto lido.

O grande entrave observado na prática docente é, portanto, que muitos educadores que estiveram ou estão em sala de aula, em processo de alfabetização de

Debates em Educação

educandos, desconhecem qual seja o significado da palavra letramento, e conseqüentemente não têm o domínio de práticas metodológicas que proporcionem ao educando situações que o eleve a condição de ser alfabetizado e letrado ao mesmo tempo, pois são comuns e alarmantes os casos de educandos que passam pelos anos iniciais do Ensino Fundamental e não aprendem a ler, a compreender e estabelecer diálogo com os textos escritos, chegando a níveis de estudo elevados com graves dificuldades em leitura, escrita e interpretação de texto. De acordo com Durham (2008) apud Bortoni-Ricardo (2010, p. 17):

As faculdades de pedagogia formam professores incapazes de fazer o básico, entrar na sala de aula e ensinar a matéria. Mais grave ainda, muitos desses profissionais revelam limitações elementares: não conseguem escrever sem cometer erros de ortografia simples nem expor conceitos científicos de média complexidade.

Compreender textos e as representações nele contidas, apresenta-se como uma questão muito complexa, pois muitas vezes o aluno deixa de ter acesso a este entendimento devido a ação do educador, que não tem conhecimentos teóricos e práticos para desenvolver tal habilidade nos educandos.

Estes educadores destituídos de uma bagagem de referências que os capacitem a desenvolverem uma prática pedagógica intencional, submetendo os alunos a situações efetivas de aprendizagem, através da representação de sua realidade, podem significar um grande problema de ordem sociocultural, na medida em que suas ações ineficazes castram as possibilidades de aprendizado de seus educandos.

As concepções dos educadores sobre a dinamicidade destes processos, requer uma orientação, pois muitos ainda organizam suas propostas de ensino baseadas em metodologias que não contemplam as condições de aprendizagem dos educandos. Baseadas em modelos tradicionais, como receitas prontas, eles supõem que todos trazem os mesmos conhecimentos prévios de mundo e de relação com os códigos da escrita, ou seja, não respeitam a diversidade cultural de cada indivíduo, que o torna singular e, portanto, necessita de olhar singular para desenvolver-se com eficiência.

Debates em Educação

Sobre esta relação de conflito existente na prática docente, Castanheira (2009, p. 17) amplia o entendimento, ao destacar que

[...] no interior da escola, posturas que revelam a frequente confusão ou sobreposição dos conceitos de alfabetização e o letramento. Muitos professores ainda acreditam que somente após o processo de alfabetização é que deve ser iniciado o processo de letramento, ou seja, que para se tornar letrado, é preciso, primeiramente, adquirir a tecnologia da escrita. Em outros casos, observa-se o contrário: professores privilegiam a interação com textos, entretanto, não dão atenção aos aspectos específicos da alfabetização, o que compromete seriamente o processo de aquisição das habilidades de ler e de escrever.

Este dilema vivenciado dentro dos espaços escolares revela o quanto os educadores ainda têm uma compreensão equivocada de como ensinar, pois a não compreensão da importância da relação destes fenômenos faz com que as práticas docentes caiam no retrocesso, voltando aos moldes tradicionais, que tornam o ensino tedioso, dificultando assim, a aprendizagem do educando.

Esse desconhecimento torna as práticas de sala de aula difusas, pela indecisão entre qual método utilizar, o tradicional ou uma proposta de ensino inovadora. Os educadores acabam por não saber como planejar; e o tempo de aula fica comprometido, sem uma produção que conduza a aprendizagem.

É importante um repensar sobre esta situação, principalmente quando se refere àqueles docentes que já se encontram há muitos anos em sala de aula como professores alfabetizadores, que têm uma história de trabalho baseada no tradicionalismo. Diante destas novas realidades enfrentam dificuldades em adaptar-se a novas formas de conduzir o processo de ensino e aprendizagem.

Pensar em possibilidades que minimizem estas situações requer a reformulação das bases dos cursos de formação docentes, de modo que o educador independente do nível de ensino em que atue, promova um ensino eficiente na construção de saberes linguísticos. Soares (2000) chama a atenção para o fato de que

Os cursos de formação de professores, em qualquer área de conhecimento, deveriam centrar seus esforços na formação de bons leitores e bons produtores de texto naquela área, e na formação de

Debates em Educação

indivíduos capazes de formar bons leitores e bons produtores de textos naquela área (Jornal do Brasil – 26/11/2000).

As análises bibliográficas dos comportamentos dos educadores com relação às questões referentes à alfabetização e letramento revelam um descompasso alarmante, pelo antagonismo entre o saber teórico e a prática docente, visto que muitos deles desconhecem os significados destes processos na formação do indivíduo, e isso se reflete em uma prática ineficaz, o que só será modificado quando houver uma ampliação deste quadro, o que demanda a interferência da escola, através de um trabalho feito em equipe, que sensibilize toda a equipe a trabalhar com um enfoque para a redimensão da prática pedagógica.

4. MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO E SUPERAÇÃO DE CONFLITOS

O educador, através da sua prática, tem o desafio de intermediar situações em que incorpore o educando ao conteúdo da leitura, que o conduza a interagir, a conhecer o que o texto diz além daquilo que está explícito, as chamadas entrelinhas, que nada mais são do que a compreensão, a lição que o autor pretende apresentar através daquela mensagem codificada. Freire (1997, p. 1-2), acrescenta:

A compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. [...] A compreensão do texto a ser alcançada por tal leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Para os educadores atuantes nas classes alfabetizadoras, que correspondem aos anos iniciais do Ensino Fundamental, tempo em que a criança tem de adaptação e assimilação dos códigos do alfabeto, é essencial ter o conhecimento e domínio dos diversos métodos e formas de ensinar, levando em consideração que as crianças são diferentes, têm formas e tempos diversos de aprender e construir significados sobre o

Debates em Educação

objeto aprendido, dada as diversas relações de mundo que cada indivíduo traz consigo.

O educador deve mediatizar constantes diálogos, que permitam o entrelaçamento entre conteúdos didáticos e experiências culturais de mundo, fazendo com que o educando construa suas próprias noções de leitura e escrita, pois “um método de alfabetização que leve em conta o processo de aprendizagem deve deixar um espaço para que o aluno exponha suas ideias a respeito do que aprende” (ROJO, 1998, p. 66).

No papel de alfabetizar e letrar, o educador deve saber organizar o seu tempo, promovendo dinâmicas centralizadas no ensinar e no desenvolvimento de condutas que tornem o ensino interativo e contextualizado, com sentido e significado para o sujeito que aprende. Nesta tarefa, ainda é necessário que o educador tenha um entendimento claro das relações conceituais, semelhanças e distinções entre estes termos, visto que

[...] é o professor familiarizado com as práticas de letramento acadêmicas (entre outras) quem determina quais são os limites e as possibilidades dos saberes teóricos que subsidiam sua disciplina de ensino. Sem os demais saberes, perceberá constantemente os limites dos saberes especializados; munido de outros saberes, multiplicará as possibilidades acenadas pelo saber teórico, em função da segurança decorrente de seu conhecimento sobre o funcionamento da linguagem (KLEIMAN, 1995, p. 512)

As práticas pedagógicas adotadas pelo educador devem considerar a natureza metodológica de cada um destes processos, as especificidades conceituais, teóricas e metodológicas que possibilitem o desenvolvimento de um trabalho pedagógico consciente, que aproxime o educando das regras e convenções do sistema alfabético, levando-os a construir e reconstruir hipóteses sobre o funcionamento e aplicabilidade da língua como sistema de representação, comunicação e interação social.

Nesta heterogeneidade de situações, o profissional educador deve procurar estratégias que envolvam as possibilidades de aprendizagem de cada indivíduo, intervindo não apenas com um método, pronto e acabado, mas proporcionando situações que atendam todas as crianças, e neste percurso deve buscar conhecer seu

Debates em Educação

aluno para que saiba como cada um aprende e compreende a leitura e a escrita. Sobre isso, Saraiva (2001, p. 33) complementa:

O grande desafio proposto ao professor é alfabetizar crianças tendo o texto como unidade básica e ensinar a ler e escrever a partir da reflexão sobre o processo envolvido na alfabetização. A autonomia na leitura desenvolve-se com o aumento da experiência, na medida em que ocorre a ampliação de conhecimentos que servem de apoio à identificação das palavras, de frases e de modalidades de texto.

Cabe ao educador, levar a maior variedade e diversidade textual possível para o espaço da sala de aula, permitindo, assim, que o educando interaja com diferentes mídias de leitura e formação letrada e educativa, promovendo, ao mesmo tempo, a alfabetização e o letramento, através de situações articuladas com a realidade, possibilitando uma aprendizagem de forma criativa e reflexiva.

O educador deve criar intencionalmente ações que levem o educando a interagir com o mundo da leitura, compreendendo as funções da língua, a partir de situações reais do mundo letrado, de maneira que não só aprenda as regras e conceitos do código linguístico, mas que se aproprie dele de maneira ativa, construindo e reconstruindo a partir do objeto lido.

Dentre os fatores que levam ao letramento, Rojo (1998, p. 176) aponta a escola como “principal agência de um tipo de letramento, o acadêmico”, é um veículo de promoção de atitudes e práticas de letramento, pois “serve de cenário privilegiado para o exame dos aspectos ideológicos, socialmente determinados, [...] quando contrastamos aspectos de subculturas letradas fora da escola com aspectos da subcultura letrada em contexto escolar”.

É fundamental o investimento em práticas significativas de leitura, que levem o educando a interagir com diversos meios e recursos textuais, pois a leitura é uma ferramenta facilitadora do processo de formação do sujeito, nos aspectos sociais, cognitivo e culturais, visto que é através dela que se chega a uma situação concreta de aprendizagem.

A interação social é uma estratégia fundamental no trabalho do educador, no sentido de construção de aprendizagens, conduzindo os educandos pelo caminho da

Debates em Educação

descoberta de novos rumos do saber, potencialidades, competências e habilidades, estimulando a participação, a autonomia e a segurança em sua trajetória de sujeito alfabetizado e letrado.

As práticas de ensino do educador e as atividades alfabetizadoras de sala de aula devem ser pensadas no sentido de possibilitar que os educandos compreendam a presença da língua em situações concretas, como, por exemplo, ao trabalhar ordem alfabética, deve usar os nomes dos colegas de sala, dos materiais didáticos, as cores, enfim, cenas do cotidiano, que através de uma maneira criativa e contextualizada, tenham sentido na prática educativa e na aprendizagem; desenvolvendo, assim, um projeto de alfabetização pautado no letramento. Por isso,

[...] tanto a alfabetização quanto o letramento têm diferentes dimensões, ou facetas, a natureza de cada uma delas demanda uma metodologia diferente, de modo que a aprendizagem inicial da língua escrita exige múltiplas metodologias, algumas caracterizadas por ensino direto, explícito e sistemático (SOARES, 2003, p. 16)

A ação do educador deve estar voltada para a aproximação destas práticas, de maneira articulada e simultânea, buscando, através da exploração de atividades de leitura e escrita, desenvolver atitudes de criticidade e diálogo com o mundo, promovendo a descoberta e a inserção do sujeito no mundo dos códigos alfabéticos.

As estratégias de letramento adotadas pelo educador devem considerar alguns aspectos fundamentais que tornem visíveis e significativos os conteúdos escolares às experiências do cotidiano, buscando construir uma prática letrada, que respeite a variedade linguística de cada grupo social.

A prática pedagógica alfabetizadora deve envolver os domínios do alfabetizar e letrar, compreendendo a natureza complexa e multifacetada desses processos, através do uso de recursos didáticos diversos, explorando as diferentes linguagens: artística, lúdica, corporal e emotiva, considerando esta última, como pressuposto condicionante para a aprendizagem.

Na condução da prática pedagógica, o educador precisa levar o educando a interpretar o mundo em que vive, dando novos rumos àquilo que vê, a partir do

Debates em Educação

pensamento e da linguagem particular. A escola deve ser lugar de provocação, de inquietação sobre os problemas sociais que fazem parte da realidade do educando.

Uma prática efetiva de alfabetização e letramento consiste em fazer com que o educando se aproprie do sistema alfabético e ortográfico da língua materna, ao tempo em que adquire as condições plenas de uso linguístico em diferentes contextos. Para Soares (1998), “a questão é alfabetizar letrando, ensinar a criança a ler e escrever por meio das práticas sociais de leitura e escrita”.

Ao analisar e reconhecer a importância das práticas docentes e o papel de professores letradores, Peixoto (2004), elenca dez passos básicos que tornarão esta tarefa mais eficiente:

- 1) investigar as práticas sociais que fazem parte do cotidiano do aluno, adequando-as à sala de aula e aos conteúdos a serem trabalhados;
- 2) planejar suas ações visando ensinar para que serve a linguagem escrita e como o aluno poderá utilizá-la;
- 3) desenvolver no aluno, através da leitura, interpretação e produção de diferentes gêneros de textos, habilidades de leitura e escrita que funcionem dentro da sociedade;
- 4) incentivar o aluno a praticar socialmente a leitura e a escrita, de forma criativa, descobridora, crítica, autônoma e ativa, já que a linguagem é interação e, como tal, requer a participação transformadora dos sujeitos sociais que a utilizam;
- 5) reconhecimento, por parte do professor, implicando assim o reconhecimento daquilo que o educando já possui de conhecimento empírico, e respeitar, acima de tudo, esse conhecimento;
- 6) não julgar, mas desenvolver uma metodologia avaliativa com certa sensibilidade, atentando-se para a pluralidade de vozes, a variedade de discursos e linguagens diferentes;
- 7) avaliar de forma individual, levando em consideração as peculiaridades de cada indivíduo;
- 8) trabalhar a percepção de seu próprio valor e promover a autoestima e a alegria de conviver e cooperar;
- 9) ativar mais do que o intelecto em um ambiente de aprendizagem, ser professor-aprendiz tanto quanto os seus educandos; e
- 10) reconhecer a importância do letramento, e abandonar os métodos de aprendizado repetitivo, baseados na descontextualização.

Debates em Educação

As sugestões da autora servem como subsídio para tornar as práticas dos alfabetizadores letradores mais eficientes e contextualizadas, explorando as oportunidades de conhecer e ampliar as experiências culturais da língua, com vistas a uma integração social e exercício da cidadania.

As intervenções didáticas centradas nestes propósitos versam pelo caminho da não-diretividade, ou seja, por um ensino aberto, reflexivo, que ocorre de maneira que educadores e educandos formulem, organizem e pratiquem ações dinâmicas, baseadas na ação-reflexão-ação. Desta forma, o educador dotado de tais habilidades, estimula o educando no processo de aprendizagem, no desenvolvimento de competências e potencialidades, através da sistematização de métodos de ensino eficazes.

Nisto, reafirma-se o papel da escola, a tarefa do educador, como principal agente provocador de mudanças desta realidade, criando condições para que eles aconteçam simultaneamente, sem falhas ou ruídos quanto ao entendimento dos educandos, que eles consigam assimilá-los não como matérias ou disciplinas escolares, que são ensinadas isoladamente, mas como acontecimentos que fundem e se inter-relacionam durante o processo, a fim de que se possa atingir um nível satisfatório de ensino e aprendizagem.

O insucesso em práticas de alfabetização em muito se deve à falta de investimento em práticas de leitura nas escolas, com sentido e compromisso, o que traz a urgência em um repensar às ações docentes, com vistas a mudanças que possam conferir um novo sentido aos modelos de ensino vigentes.

Recomenda-se, portanto, o investimento em atividades de leitura e escrita sob diversos gêneros e situações no contexto escolar, de modo que leve os educandos a refletir sobre as possibilidades do mundo da fantasia, do imaginário e do real proporcionado pela assimilação dos fundamentos teóricos e práticos da língua.

O entendimento desta questão chama a atenção para a responsabilidade da escola, na função de promover encontros e relações diversas entre o educando e a leitura, através de desenvolvimento de projetos pedagógicos, rodas e oficinas de leitura, como alternativa para melhoria desta realidade, trazendo uma nova concepção de ensino e aprendizagem, refletida na formação de jovens leitores.

Debates em Educação

Nestas intermediações, deve-se proporcionar situações que levem os educandos a desenvolverem estratégias de leitura, como antecipação, checagem de hipóteses, seleção, inferência, comparação e verificação (SOLÉ, 1998), para se apropriar da mensagem do texto, adotando um posicionamento crítico e ampliando o vocabulário e o raciocínio lógico.

Um processo eficiente de alfabetização deve propiciar ao educando o entendimento de que aprender a ler e escrever requer não apenas o conhecimento de uma variedade de conteúdos, mas o domínio e interação com estes, de maneira ampla e intencional, transformando as informações abstratas encontradas em diferentes veículos informativos, em conhecimentos próprios, construídos pela análise, síntese e reflexão das ideias. Para Rojo (1998, p. 66), “um método de alfabetização que leve em conta o processo de aprendizagem deve deixar um espaço para que o aluno exponha suas ideias a respeito do que aprende”.

Entende-se que a alfabetização deve acontecer em um ambiente propício ao letramento, que conduza o educando a ler e compreender o mundo e as diferentes mensagens que nele circulam, percebendo a leitura como um ato prazeroso e necessário.

Para o sucesso em práticas de alfabetização e letramento, como processos indissociáveis, é necessária a interação entre diferentes veículos do mundo da escrita, como a escola, as relações formais e informais tanto no cotidiano como nos contextos familiares, no desenvolvimento de atitudes e valores em relação à leitura e o gosto pela diversidade linguística e cultural, bem como pressuposto para a construção de uma sociedade mais justa e equiparada em igualdade de direitos e deveres entre os seus constituintes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conseqüências da prática docente alfabetizadora com sentido de letramento são inúmeras para o educando, pois extrapolam os limites da escola, elevando-o a

Debates em Educação

condição de considerar tudo o que o circula, como um caminho, uma via de acesso ao saber. Em termos gerais, a alfabetização refere-se às condições de ler e escrever, através do uso dos recursos da língua escrita; enquanto o letramento amplia este processo, ao exigir do indivíduo a capacidade de ler e escrever, inferindo sentido e reformulando o objeto da leitura e da escrita.

A prática educativa deve pautar-se numa concepção inovadora e dinâmica, abrangendo os saberes e transformando-os na relação pedagógica, levando os educandos a vivenciarem novas realidades sociais, pela aquisição da leitura e da escrita. Esta mudança não se dará ao acaso, mas de forma intencional, através de um trabalho coletivo. Somente após esta conscientização, é que as práticas alfabetizadoras serão satisfatórias às necessidades de aprendizagens individuais, e, assim, um ensino de qualidade se efetive na prática.

A possibilidade para um ensino que atenda a estes princípios, parte da formação docente, inicial e continuada, conforme aponta Bortoni-Ricardo (2010, p. 16): “todo professor precisa familiarizar-se com metodologias voltadas para as estratégias facilitadoras da compreensão leitora”, do letramento, enfim, em sua dimensão social.

Uma reflexão necessária frente aos resultados obtidos através desta pesquisa, levam a importância da escola em redimensionar o seu pensar e o seu fazer, reformulando suas ações, mediadas pela interferência do professor, principal agente responsável por possibilitar situações e estratégias, que levem o educando a superar suas dificuldades e firmar-se como sujeito da leitura e da escrita, em suas atitudes do convívio social.

6. REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro; CASTANHEIRA, Salete Flôres. **Formação do professor como agente letrador**. São Paulo: Contexto, 2010.

Debates em Educação

CASTANHEIRA, Maria Lúcia; MACIEL; Francisca Izabel Pereira; MARTINS; Raquel Márcia Fontes. **Alfabetização e Letramento na sala de aula**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1997.

KLEIMAN, Ângela B. (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

PEIXOTO, Cynthia Santuchi; et al. **Letramento**: você pratica? Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno09-06.html>>. Acesso em: 07/11/2012.

ROJO, Roxane. **Alfabetização e letramento**: perspectivas linguísticas. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

SARAIVA, Juracy Assmann. **Literatura e Alfabetização**: do plano do choro ao plano da ação. (org.). Porto Alegre: Artmed, 2001.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. **Entrevista concedida ao Jornal do Brasil** em 26/11/2000. Disponível em: <<http://intervox.nce.ufrj.br/~edpaes/magda.htm>> Acesso em: 03/11/2012.

_____. As muitas facetas da alfabetização. In: **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contextos, 2003.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.